



Posto de Saúde de São Joaquim



No mês de agosto, a Sonha, Faz e Acontece e a comunidade de São Joaquim reconstruíram o Posto de Saúde desta roça. **Pág. 4**



Personalidades:
Francisco da Casa Morabeza. **Pág. 2**



A Minha Escola: Durante o mês de agosto decorreu a Escola Gravana. **Pág. 3**



Príncipe em Portugal: O Bá foi para Portugal à procura de novas oportunidades. **Pág. 6**



Pérolas da Terra e do Mar: O Auto de Floripes. **Pág. 8**

Personalidades



Francisco da casa Morabeza

Idade: 49 anos

Profissão: Alfaiate

Naturalidade: São Miguel, Cabo Verde

Jornal do Príncipe (JP): Quando veio para o Príncipe?

Francisco (F): Vim há 49 anos com a minha família.

JP: Qual é a sua ocupação?

F: A minha ocupação é a costura.

JP: Onde começou a trabalhar?

F: Em Santa Filomena, numa casa que arrendei para ter um espaço de costura.

JP: Quem foi o seu mestre?

F: O nome dele é Rui e é de Angola.

JP: Quando começou a ganhar dinheiro como costureiro e quando fundou a Casa Morabeza?

F: Comecei a trabalhar na costura em 1986 e aqui na Casa Morabeza foi em 2005.

JP: Como surgiu a Casa Morabeza?

F: Ficou Casa Morabeza por vários sentidos. Seria Casa de Costura – Associação Moda Jovem, mas a associação Djunta Mon não tinha um espaço físico e tinha de ser dado um terreno. Então, em 2003, foi feito o pedido para a construção da casa de costura e iniciou-se a construção e depois abriu no dia 05 de

julho de 2005, que é a data da independência de Cabo Verde.

JP: E começou logo a dar aulas de costura em 2005?

F: Sim, sempre quis dar aulas de costura para a profissão não desaparecer.

JP: Quantos aprendizes teve ao longo do tempo?

F: Não consigo dizer de cabeça.

JP: E quantos tem agora?

F: Agora tenho três cabeças de gente.

JP: Acha que a profissão vai continuar?

F: Tenho esperança que sim. Com Deus à frente tudo está bem.

JP: E gosta do que faz? Ou gostava de mudar de profissão?

F: Gosto muito do que faço. Gosto mesmo a sério. Se disse que queria que não se perdesse a profissão é porque gosto mesmo.

A Minha Escola

A Escola Gravana na ilha



Durante o mês de agosto, a associação Sonha, Faz e Acontece (SFA) organizou uma formação no centro cultural do Príncipe: foram dadas aulas de inglês, de saúde, de artes plásticas, de empreendedorismo, de geografia e de ciências com o objetivo de desenvolver os conhecimentos e abrir novos horizontes aos alunos da ilha.

Os que participaram acharam algumas disciplinas mais importantes do que outras. O Otiniel, que tem 17 anos e é aluno do 11.º ano, interessou-se mais pelo inglês, pelo empreendedorismo e pelas ciências porque aprofundou o seu conhecimento para o futuro nestas áreas.

A Rita, que é voluntária da associação desde outubro do ano passado, deu aulas de ciências, de saúde e de inglês. Para a professora, foi muito importante dar aulas de inglês porque acha que é um conhecimento que faz falta na ilha, que é visitada cada vez mais por pessoas de outras nacionalidades.

A SFA é uma associação portuguesa que tem atividade no Príncipe há três anos e que desenvolve, sobretudo, projetos de educação. Este ano, a SFA organizou um campo de férias com o objetivo de criar atividades e jogos para as crianças da ilha. Além disso, foram feitos clubes de leitura para as crianças da Nova Estrela, de Abade e do Picão e foi reconstruído o posto de saúde de São Joaquim.

Olhares

Posto de Saúde de São Joaquim



No mês de agosto, a Sonha, Faz e Acontece e a comunidade de São Joaquim reconstruíram o Posto de Saúde desta roça. Aqui ficam alguns momentos do trabalho desenvolvido.



Príncipe em Portugal

Bá

Hibrain Reis ou Bá, como é conhecido, tem 23 anos e está em Portugal há 3. Decidiu sair da sua ilha para encontrar novas oportunidades. Nesta altura, está a trabalhar enquanto Técnico de Eletrónica, Automação e Comando.



Jornal do príncipe (JP): Em que zona do País está?

Bá: Marinha Grande, Leiria.

JP: Porque foi para Portugal?

Bá: Vim à procura de uma nova oportunidade.

JP: As expectativas que tinha antes de ir corresponderam ao que encontrou?

Bá: Julguei que fosse mais fácil matricular-me na escola.

JP: Nesta altura, o que está a fazer?

Bá: Estou a trabalhar. Fiz o meu curso de Técnico de Eletrónica, Automação e Comando, fui estagiar para uma empresa, a Deltaplás, Lda., e fiquei lá a trabalhar.

JP: A integração foi fácil?

Bá: A minha integração foi muito fácil! Os meus colegas disseram-me logo que eu conseguia fazer amizades facilmente. E eu gosto mesmo disso.

JP: Que dificuldades foram sentidas?

Bá: A adaptação ao clima. Aqui é muito frio... Não estava habituado, agora sim. Depois, a questão financeira. Estamos habituados com as dobras, no Príncipe, chegamos aqui com o euro e percebemos que é tudo mais caro, gerir esta parte não é fácil.

JP: Houve algum tipo de apoio dado por organismos/instituições/associações?

Bá: Sim. A SFA e outras instituições de caridade.

]

JP: De que forma se traduziram?

Bá: Houve instituições de caridade que me ajudaram, a mim e a outros colegas, angariando materiais escolares, roupas, entre outros. A SFA também nos ajudou muito, fizeram uma campanha de angariação de materiais, vieram ter connosco à escola, deram-nos formação, foram importantes.

JP: O que considera estar a ser mais importante nesta experiência?

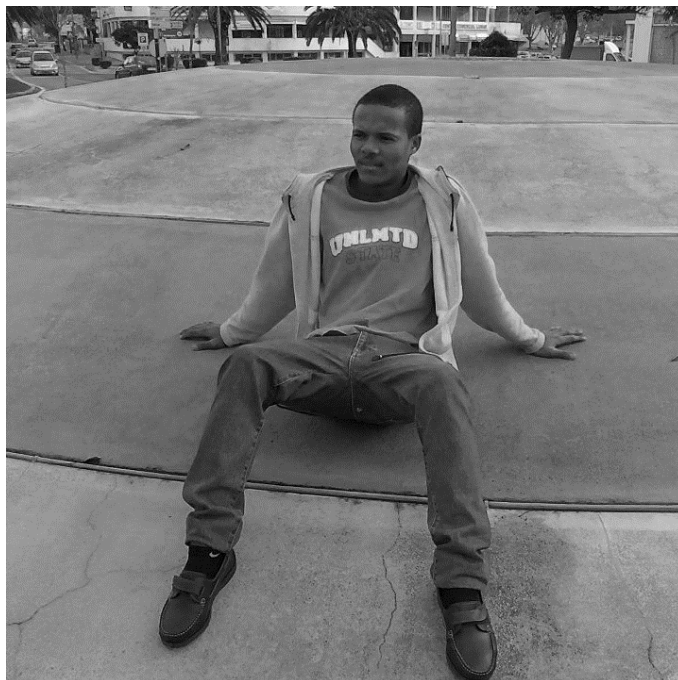
Bá: Aprender muito aqui em Portugal. É uma mais-valia. Um dia, quando voltar ao Príncipe, posso ser uma pessoa com formação, que sabe alguma coisa. Vou apoiar aqueles que precisam.

JP: Planos futuros, já há?

Bá: Regressar ao Príncipe e trabalhar na área em que me formei.

JP: Voltar para o Príncipe, é uma certeza?

Bá: Sim!



JP: Em três palavras, como descreve a experiência que está a viver fora do seu país de origem?

Bá: Alegria, aprendizagem e sorte.



- **Do Príncipe faz-me falta...** Aventuras. As aventuras nas matas, no Pico Papagaio, e nas outras, nas roças...

- **Quando voltar, levo na bagagem...** A minha cabeça está muito cheia de coisas. De coisas boas.

- **Aqui aprendi...** Experiência no trabalho. E muito mais... Aprendi que quem tem amizade, tem tudo.

- **Aos que querem ter uma experiência além-fronteiras digo...** Que venham em branco, não podem vir com vícios.

Pérolas da Terra e do Mar

Auto de Floripes

São Lourenço ou Auto de Floripes é um teatro popular público, realizado ao ar livre por residentes na ilha do Príncipe.

Este teatro foi introduzido por portugueses nos finais do século XIX, no período colonial. Os figurantes são pessoas residentes no Príncipe. O Auto de Floripes tem lugar na cidade de Santo António, no 15 de agosto, e com repetição no domingo seguinte.

Nas cenas do Auto de Floripes, figuram dois reis protagonistas.

O Almirante Balão (mouro), Imperador da Turquia, que pretendia conquistar o Império Francês.

Carlos Magno (cristão), Imperador Franco, queria recuperar as santas relíquias roubadas por Ferrabrás, filho do Almirante Balão. O seu objetivo era converter os mouros ao Catolicismo e conquistar o território turco.

Floripes, filha do Almirante, por paixão a um bravo cavaleiro cristão - Gui de Borgonha -, decidiu batizar-se como cristã e casou-se com ele, facto que

contribuiu para que o Almirante Balão também se convertesse.

O Auto de Floripes inicia-se com uma marcha de recolha dos atores.

Na atuação dos mouros tem sons agitados de apitos, que entusiasma o público. Na parte dos cristãos a marcha é mais lenta e há sons de tambores. Depois da recolha dos figurantes a festa concentra-se na praça Marcelo da Veiga.

Neste local decoram batalhas, deixas (embaixadas) e também existem personagens que animam a festa (bobos).

A festa insere-se no mês cultural da ilha do Príncipe.

